livros recebidos

ABREU, Eide Sandra Azevedo. **O Evangelho do Comércio Universal: Tavares Bastos e as tramas da liga progressista e do partido liberal (1861-1872).** São Paulo: Annablume, 2011, 420p.

Na contramão do consagrado – Uma interpretação inovadora do liberalismo de Tavares Bastos*

CECILIA HELENA DE SALLES OLIVEIRA**

"Com que critério um historiador fala das lutas e agentes de uma época que não é a sua? A interrogação ganha amplitude quando lembramos que essa época ainda projeta sua força, suas categorias sobre o presente e sobre quem a historia"
(Carlos Alberto Vesentini)

Para os apaixonados pelos estudos históricos e pela História do Brasil, em particular, o livro *O Evangelho do Comércio Universal* não poderia chegar em melhor hora, pois, entre outros aspectos, inscreve-se no debate atual sobre as relações entre história, memória e política, o que envolve os fundamentos da escrita da História e do saber sobre a história. Originalmente, tese de doutorado, defendida na UNICAMP, em 2004, sob a orientação precisa de Izabel Andrade Marson, o texto foi revisto para esta edição, sem perder, entretanto, as principais qualidades que o distinguem e valorizam.

Em suas páginas encontra-se interpretação crítica e inovadora sobre período pouco conhecido da política imperial brasileira: os anos entre 1861 e 1872. O foco central é a trajetória de Aureliano Cândido de Tavares Bastos, cuja memória se tornou marco e guia de inúmeras análises que, desde o século XIX, alimentam a polêmica entre "centralização" e "descentralização" político-administrativa, o que mantém em constante reavaliação o delineamento do Estado no Brasil, bem como o perfil que foi adquirindo a partir da Independência.

Marcada pelo ineditismo e pela coragem da autora, a obra enfrenta interpretações historiográficas consagradas e não se verga ao ícone "Tavares Bastos" tampouco ao séquito de admiradores que vêem nele um excêntrico, um solitário e um vanguardeiro liberal na luta contra os ranços antiquados e o atraso, que pareciam encobrir a política e a monarquia durante a época em que atuou na imprensa e na Câmara. Nessa oportunidade, Bastos trabalhava por deliberações sem as quais, para ele, ficaria comprometida a inserção do país no universo do capital e das relações mercantis. Como discordar ou desconfiar de figura que, usando convincentes argumentos, defendia o bem comum, a civilização e a expansão do progresso material a toda a sociedade por intermédio de projetos como a

liberação da navegação de cabotagem, a livre navegação no Amazonas, a imigração e reformas políticas que atualizariam a Constituição e a gestão da coisa pública?

Selecionando fontes de enorme riqueza e destrinchando-as com sensibilidade e precaução, Eide Sandra problematizou o percurso de Tavares Bastos, as polêmicas em que se envolveu e as obras que escreveu, buscando reconstituir, no tempo rápido dos embates pelo poder, a história dos argumentos que ele formulou e os modos pelos quais ele próprio os transformou e moldou para atingir objetivos e interesses. Questiona, igualmente, os significados da apropriação posterior sofrida por suas argumentações e premissas especialmente no âmbito da produção historiográfica.

Valendo-se, sobretudo, dos *Anais da Câmara dos Deputados* e da documentação pessoal do parlamentar alagoano, praticamente desconhecida, a autora vai mostrando ao leitor facetas encobertas de Tavares Bastos, sem o que seus textos ficam neutralizados, despolitizados. Na leitura corrente de *Os males do presente e as esperanças do futuro* (1861), *Cartas do Solitário* (1862) e *A Província* (1870), conteúdos e projetos aparecem recortados e distantes das tramas, articulações, negócios e conspirações nos quais Bastos estava enredado até os cabelos. A cada passo, Eide Sandra vai narrando como o protagonista, que era um conservador moderado no início da carreira pública, aproximou-se primeiro dos chamados "ligueiros" e depois dos liberais sem, contudo, perder inteiramente o visgo que o prendia ao campo conservador. Essas mudanças de posicionamento, esses matizes que forjaram a substância de seus argumentos e ações, sustentavam-se na dinâmica de projetos particulares e de pretensões financeiras e empresariais de grupos específicos que agiam no mercado brasileiro e internacional, especialmente norte-americanos e ingleses. Eram mobilizados, no entanto, como se atendessem demandas universais, capazes de beneficiar ao conjunto do país. Constituíam um "evangelho" a ser seguido para que as práticas liberais pudessem se sedimentar, com a supressão definitiva de regulamentações que, na perspectiva do deputado, ainda amarravam o Império ao passado.

Ao longo do livro, a imagem de Bastos como excêntrico e solitário líder liberal, consolidada por biógrafos e historiadores, dá lugar ao sujeito histórico, que nada tem de solitário e de excêntrico, mergulhado como estava em seu tempo e nas condições históricas e políticas criadas e interpretadas por ele mesmo e por outros sujeitos com os quais duelou, alinhou-se ou simplesmente conviveu.

O leitor é levado a compreender que os pseudônimos que Bastos escolheu para apresentar-se na cena pública da imprensa e do legislativo, bem como as análises e enredos que elaborou, foram incorporados por muitos dos estudiosos que se voltaram para essa época e o foram não só porque, a exemplo do que lembrou Carlos Alberto Vesentini, os documentos são agentes ativos da luta política e da memória, mas porque entre analistas e personagem criou-se uma espécie de cumplicidade fundada, ao menos em parte, no compartilhamento de princípios da produção da ciência e do saber sobre a história que remetem ao século XIX com fortes repercussões no século XX.

Assim, a importância no livro não se limita ao desbaste pertinente e criterioso

do movimento no qual o deputado alagoano, protagonista de momento marcante do segundo reinado, tornou-se uma das figuras emblemáticas do liberalismo no Brasil. Para iluminar esse trajeto e seus meandros, bem como desenvolver profunda investigação sobre a ação de Bastos, a autora debruçou-se sobre o período conhecido como "segundo qüinqüênio liberal", assinalado pela recomposição e matização do campo partidário que se seguiu à morte do Marquês do Paraná, bem como por propostas de alteração na política econômica e financeira do governo. Essa quadra corresponde, ainda, às repercussões das eleições de 1860, à formação da "Liga Progressista", à ascensão dos chamados "ligueiros" ao governo, à composição do Gabinete Zacarias, cuja dissolução, em 1868, tem sido considerada por muitos historiadores como o começo da queda da monarquia, e à organização de um novo partido liberal, em 1869, bem como de agremiações republicanas, a partir de 1869/1870. Trata-se, portanto, de momento chave para a compreensão das décadas finais da monarquia e que merece maior atenção dos historiadores.

A interpretação formulada por Eide Sandra é inovadora e situa-se na contramão do "já sabido". Desfaz certezas, repõe perguntas e principalmente provoca reflexões sobre a plasticidade de argumentos discutidos por Bastos e por outros políticos de sua época, que ainda hoje constituem armadilhas "liberalíssimas", usadas para justificar e inocentar quem os propõe, ao projetar como universal e público o que não passa de circunstancial e particular.

Densa, envolvente e penetrante, a narrativa de Eide Sandra convida, também, a um mergulho nos procedimentos de trabalho do historiador. Partindo de personagem famoso e aparentemente muito conhecido, vai descortinando circunstâncias históricas intrincadas, delineadas por múltiplos e matizados protagonistas e, ao mesmo tempo, entrelaça o movimento curto e ágil da ação política com outras escalas de tempo e dimensões. Propõe reflexão sobre as práticas liberais e o liberalismo no Brasil da segunda metade do século XIX, referenciando-se em Maria Sylvia de Carvalho Franco e nas lições de método de Izabel Marson, entre outros autores. Conduz o leitor a pensar sobre o lugar ocupado pelo historiador e sobre as escolhas que realiza para construir uma outra narrativa sobre episódios e personagens que chegaram até nós fragmentariamente ou então mediante imagens e memórias que não só os simplificam como os absolvem no passado e no presente.

Por todas essas razões, o livro enriquece o debate historiográfico e constitui novo ponto de partida para inúmeras pesquisas que queiram aprofundar o entendimento sobre a política imperial, particularmente durante o segundo reinado. Além do que, o título da obra, torna irreversível a curiosidade para ler as "boas novas", que Bastos pretendia espraiar com seus escritos.

São Paulo, abril de 2011

[*] Este texto foi publicado como prefácio do livro *O evangelho do comércio universal: Tavares Bastos e as tramas da Liga Progressista e do Partido Liberal (1861-1872).*

[**] **CECILIA HELENA DE SALLES OLIVEIRA** é Professora Titular do Museu Paulista – Universidade de São Paulo (USP).